

## Formação, Apogeu e Crise do Sistema Feudal

### CRONOLOGIA

Tradicionalmente, a Idade Média é caracterizada como o período que se estende do século V, mais precisamente da queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C., até o final do século XV. Ainda de acordo com essa divisão, o Período Medieval pode ser separado em Alta Idade Média, dos séculos V ao IX, e Baixa Idade Média, dos séculos X ao XV. No período da Alta Idade Média, ocorreu a formação do feudalismo, e, ao longo da Baixa Idade Média, assistiu-se à consolidação e à decadência do mundo feudal.

Para alguns autores, no entanto, esse período não teria tido o seu fim antes do século XVIII. De acordo com o historiador Jacques Le Goff, a Idade Média chegou ao fim com a Revolução Industrial e com a Revolução Francesa, quando ocorreram a consolidação do capitalismo e a crise do Antigo Regime. Segundo essa visão, foi somente nesse período que os valores de origem medieval teriam chegado ao fim.

### VISÕES SOBRE A IDADE MÉDIA

O mundo medieval foi, durante muito tempo, tratado de maneira preconceituosa. O termo “Idade Média”, por exemplo, é fruto dessa visão, visto que nele subjaz a ideia de que esse longo período correspondia a um estágio intermediário entre a grandeza da Antiguidade Clássica e do Mundo Moderno. Essa percepção surgiu durante o início da Idade Moderna, com a crescente valorização dos ideais humanistas no contexto do Renascimento. Para o homem renascentista, que valorizava a razão, a Idade Média, marcada pela intensa religiosidade e pelo predomínio da Igreja, foi um período de obscuridade e ignorância. A partir desse momento, termos como “Idade das Trevas” ou a “Longa Noite dos Mil Anos” foram comuns para designar tal período.

De acordo com essa visão, na Idade Média, não teriam ocorrido avanços nas áreas da ciência, das artes e da Filosofia, acreditando-se que o desenvolvimento humano teria sido contido e só seria retomado a partir da

Idade Moderna. A arte medieval foi considerada pelos homens renascentistas como grosseira e pobre. Rafael Sanzio, pintor do Renascimento italiano, incorporou esse preconceito utilizando a expressão “gótica” (originária do termo “godos”, um dos povos denominados bárbaros) para se referir à arte do período.

A partir do século XIX, no entanto, a Idade Média passou a ser revalorizada e revista. Foram os românticos – que se opunham ao racionalismo moderno – quem resgataram os medievais, considerando-os formadores das nacionalidades europeias. Um dos ápices do resgate medieval ocorreu durante as invasões napoleônicas do século XIX, já que, diante da expansão francesa, as nações oprimidas exacerbaram o seu discurso nacionalista.

Os historiadores do século XX, por sua vez, passaram a perceber o Período Medieval levando em conta suas especificidades. Sabe-se hoje que o desenvolvimento técnico, em áreas como da agricultura, foi significativo no período. Já na Filosofia, Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino são exemplos da sofisticação do pensamento medieval. A arte e a arquitetura também são valorizadas e as catedrais medievais são símbolos da grandeza artística do período.

### ALTA IDADE MÉDIA

O período compreendido entre a queda do Império Romano do Ocidente e uma segunda onda de migrações ocorrida nos séculos IX e X é conhecido como Alta Idade Média. Naquele momento, ocorreram transformações que levaram à consolidação do mundo feudal, mundo este marcado pela combinação de instituições de origem romana e dos reinos germânicos, chamados de bárbaros pelos romanos.

Nesse período, foi registrada uma retração populacional, que já existia desde a crise romana. Assim, é possível perceber que a presença dos povos germânicos não representou aumento da população; estima-se que eles constituíam apenas 5% da população na antiga área do Império.

Concomitantemente a esse processo, o êxodo urbano se manteve, o que não significa que a vida urbana tenha sido completamente abandonada. É importante ressaltar, ainda, que, paradoxalmente, a ruralização europeia não acarretou uma prosperidade produtiva, já que a Alta Idade Média foi marcada pela expansão da fome e das epidemias.

Os povos germânicos formaram uma série de reinos na Europa Ocidental. O antigo Império havia se fragmentado, dando origem às chamadas monarquias germânicas, como demonstrado no mapa a seguir:

### Os reinos bárbaros no século VI



## O reino dos francos

Entre os vários reinos formados durante a Alta Idade Média, um deles merece atenção especial, o dos francos. Esses povos, que foram aliados dos romanos até o século V, assumiram o domínio político da Gália sob a liderança de Clóvis I (466-511).

Clóvis unificou as tribos francas e ampliou suas fronteiras, conquistando regiões ocupadas por outros povos e anexando-as ao seu território. Iniciou-se assim, a dinastia merovíngia, que recebeu esse nome, pois, nessa época, os francos ainda eram pagãos e se consideravam descendentes de uma divindade marinha nomeada Meroveu.

A importância dos francos está vinculada à consolidação do cristianismo na Europa Ocidental e à generalização das relações de vassalagem e suserania. A conversão de Clóvis ao cristianismo foi fundamental para o controle das populações de origem romana, em sua maioria cristã, no interior do reino. O reino dos francos foi o primeiro entre aqueles de origem germânica a se converter ao cristianismo.

Após a morte de Clóvis, as disputas entre os merovíngios levaram ao enfraquecimento da dinastia e à ascensão dos carolíngios. Essa dinastia se iniciou com Carlos Martel (686-741), que conteve a expansão muçulmana em direção à Europa Central ao derrotá-los na Batalha de Poitiers em 732. O auge desta dinastia, no entanto, deu-se com Carlos Magno (742-814) que, durante o período em que esteve no poder, contando com o apoio da Igreja e com um reinado de grande vigor pessoal, conseguiu manter extensos domínios unificados e conquistar novas áreas. Assim, enquanto nos demais reinos predominavam a fragmentação e a instabilidade política, o Império Carolíngio desfrutava de relativa unidade. O mapa a seguir demonstra a extensão do Império.

### Império Carolíngio



A expansão do Império Carolíngio acarretou o fortalecimento do cristianismo nas regiões submetidas. Em troca do apoio da Igreja, os soberanos carolíngios concederam um vasto território na região da Península Itálica à Igreja, que ganhou condições de se tornar uma instituição política atuante. Além disso, reforçando o costume do pagamento do dízimo à Igreja, os carolíngios vincularam-na definitivamente à economia da época.

Nas áreas dominadas, Carlos Magno passou a conceder, ainda, terrenos àqueles chefes que o ajudaram na conquista de territórios. A nobreza franca e a Igreja recebiam faixas de terra e, em troca, juravam fidelidade ao imperador. Começava-se, desse modo, a expansão da relação que daria origem à vassalagem e à suserania, por meio da qual alguns homens criaram uma rede hierárquica de poder.

No auge do Império Carolíngio, Carlos Magno foi aclamado imperador do Império Romano do Ocidente, título concedido pelo papa Leão III. Durante o seu reinado, ocorreu o Renascimento Carolíngio, momento de valorização da cultura de origem romana, como o latim, tendo a escola de Aix-la-Chapelle se tornado um importante centro intelectual europeu.

Após a morte de Carlos Magno, vários fatores colaboraram para a desagregação do Império Carolíngio. As disputas entre os netos do imperador – Carlos, o calvo; Luís, o germânico; e Lotário – provocaram a partilha do Império pelo Tratado de Verdun em 843. Nessa divisão, aparecia o primeiro esboço do futuro mapa político europeu. De acordo com Hilário Franco Júnior:

O tratado estabeleceu dois grandes blocos territoriais, étnicos e linguísticos (dos quais surgiriam as futuras França e Alemanha) e uma longa faixa pluralista, composta de uma zona de personalidade definida (Itália do Norte), zonas multilinguistas que sofreriam o poder de atração daqueles primeiros blocos (futuras Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo, Suíça), zonas intermediárias, que seriam objeto de longas disputas (Alsácia, Lorena, Trieste, Tirol).

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. [Fragmento]

### Divisão do Império Carolíngio (843)



Além dos problemas internos, novas migrações – dos vikings e magiares ou húngaros – provocaram a fragmentação do Império Carolíngio. O trecho a seguir reflete a situação no Império a partir dessas migrações:

Vedes desabar sobre vós a cólera do Senhor... Só há cidades despovoadas, mosteiros em ruínas ou incendiados, campos reduzidos ao abandono... Por toda a parte o poderoso oprime o fraco e os homens são semelhantes aos peixes do mar que indistintamente se devoram uns aos outros.

Depoimento dos bispos da província de Reims em 909.

A partir desse evento, a configuração do mapa europeu se aproximava, então, da realidade feudal.

A relativa centralização característica dos impérios outrora existentes daria lugar à pulverização do poder político em meio à nobreza feudal. A Europa se fechava, dando origem ao feudalismo.

## FEUDALISMO

A palavra “feudalismo” tem sua origem em *feudum*, que em latim significa posse ou domínio. Para alguns autores, o feudalismo teve sua origem na França, nos séculos IX e X, e seu desaparecimento deu-se ao longo dos séculos XV e XVI. De acordo com o historiador Marc Bloch, o feudalismo pode ser resumido em:

Um campesinato mantido em sujeição; uso generalizado do serviço foreiro (isto é, o feudo) em vez de salário [...]; a supremacia de uma classe de guerreiros especializados; vínculos de obediência e proteção que ligam homem a homem e, dentro da classe guerreira, assumem a forma específica denominada vassalagem; fragmentação da autoridade [...].

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

A estrutura feudal clássica predominou na Europa Ocidental, principalmente em sua porção central, e deve ser compreendida em suas diversas manifestações, sejam elas políticas, econômicas, culturais ou religiosas.

## Política

Em geral, a política feudal foi caracterizada pela fragmentação do poder, afinal, as constantes guerras e migrações, bem como as relações de vassalagem e suserania, colaboraram para o enfraquecimento do poder real.

Apesar da isolada ação do Império Carolíngio, a descentralização teve sua origem no declínio do Império Romano, quando, gradativamente, o Estado foi concedendo atribuições estatais aos grandes proprietários de terra. A grande extensão do Império levou à implantação dessa situação, mantida após as migrações dos povos germânicos. A diversidade desses povos e os constantes conflitos impediram o retorno à unidade.

Desse modo, os reis que comandavam as monarquias medievais viram seus poderes serem divididos em meio à nobreza proprietária de terras. Ainda assim, a figura do rei era revestida de caráter sagrado; a permanência da cerimônia de sagração do monarca pela Igreja era prova disso. Nessa cerimônia, o monarca era ungido por um óleo, consagrado anteriormente pela autoridade religiosa, que manifestava o elo divino entre o clero e o governo monárquico. A crença, reiterada durante considerável período, na capacidade de cura dos reis, mediante o simples toque deles, também atesta essa visão.

As relações entre o Estado e os indivíduos foram substituídas por relações de dependência pessoal. Predominavam os laços de fidelidade entre os homens, colaborando para o enfraquecimento das relações impessoais entre Estado e cidadão. Esses vínculos têm suas origens nas tradições guerreiras dos povos germânicos. Uma delas, o *comitatus*, era um acordo entre os chefes guerreiros germânicos a respeito da fidelidade na guerra e da divisão dos despojos após as vitórias nas batalhas. Existia também o *beneficium*, concessão da posse de um lote para remunerar determinado serviço.

Essas tradições difundiram-se pelos reinos medievais e deram origem às relações de vassalagem e suserania. Como já foi dito, o reinado de Carlos Magno colaborou para a expansão dessas relações, visto que, naquele contexto, o monarca distribuía lotes de terra (condados e marcas) entre os guerreiros que o auxiliavam nas conquistas de novos territórios. Aqueles que passavam a deter direitos sobre essas faixas de terra passavam a ser condes e marqueses, formando-se, desse modo, uma nobreza fundiária.

Os laços feudo-vassálicos eram estabelecidos por três atos, que correspondiam às necessidades recíprocas que justificavam sua existência. O primeiro era a homenagem, o ato de um indivíduo tornar-se “homem” de outro. O segundo era a fidelidade, juramento feito sobre a Bíblia ou sobre relíquias de santos e muitas vezes selado por um beijo entre as partes. O terceiro era a investidura, pela qual o indivíduo que se tornava senhor feudal entregava ao outro, agora vassalo, um objeto (punhado de terra, folhas, ramo de árvore, etc.) simbolizador do feudo que lhe concedia.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. [Fragmento]

Após o juramento de fidelidade, constituía-se um laço contratual que unia dois homens livres: o suserano, que contaria com a prestação de serviços militares por tempo determinado, e o vassalo, que recebia o feudo e devia lealdade ao senhor. Aquele que cedia os direitos perdia parte de seu poder político, que era transferido para o vassalo, e, em troca, recebia proteção no caso de guerras.

A expansão desses laços pessoais contribuiu para o enfraquecimento do poder do rei, que passou a ser um suserano, e reforçou os poderes locais. Em seu feudo, portanto, o senhor poderia aplicar a justiça, garantir a proteção e tratar da administração e da fiscalização. Esse contexto reforçou o caráter militar da nobreza medieval, constituída como um grupo dedicado às guerras. Assim, as guerras medievais diferiam das contemporâneas, pois eram disputadas por um grupo restrito da elite, os cavaleiros.

A fragmentação política foi característica da maior parte da Alta Idade Média e só começou a ser superada a partir do século XI, momento em que ocorreram os primeiros passos rumo à consolidação dos Estados europeus.

## Economia

Até os séculos IX e X, é possível dizer que a economia europeia passou por um período de retração e estagnação. As produções agrícola, artesanal e comercial foram reduzidas, principalmente, em razão do retrocesso demográfico percebido no período. Predominava, nesse primeiro momento, a produção agrícola em propriedades que se assemelhavam às vilas de origem romana. Nessas propriedades, existiam os lotes reservados aos senhores e aqueles destinados aos camponeses.

A produção voltada para subsistência e os constantes conflitos provocaram a diminuição das transações comerciais e do uso da moeda, sem causar, no entanto, o seu desaparecimento. O mesmo pode ser dito em relação às cidades: o processo de ruralização não provocou o completo abandono da vida urbana. As relações comerciais ocorriam de maneira esporádica, por exemplo, quando determinado produto não fosse comum em uma região. Mercadores judeus tiveram importância nessas transações, trazendo seda, especiarias e sal de outras regiões.

Se os primeiros anos da Idade Média foram marcados por instabilidades sociais, a partir do século XI, observa-se o aumento demográfico na Europa Ocidental. Esse aumento ocorreu, entre outros fatores, devido ao fim das migrações e dos conflitos, bem como em razão das limitações da guerra medieval, que nem sempre fazia um grande número de vítimas e caracterizava-se pelas interrupções constantes relacionadas às obrigações entre vassalos e suseranos. O desenvolvimento das técnicas agrícolas e a expansão das áreas cultivadas também colaboraram para o aumento da produção e para o consequente crescimento populacional.

Algumas das inovações apresentadas foram a implantação do sistema trienal (o que permitia que uma faixa de terra descansasse enquanto outras duas eram cultivadas, possibilitando o resgate da produtividade agrícola), e a utilização da charrua (instrumento puxado por cavalos – animais de maior robustez – capaz de perfurar em maior profundidade o subsolo, preparando adequadamente o solo para ser cultivado), da força motriz animal, do adubo mineral e dos moinhos de água e de vento.

Concomitantemente ao aumento da população europeia, observou-se a expansão dos feudos, unidades básicas de subsistência e provedoras de toda a sobrevivência do mundo feudal. Além da produção agrícola, o artesanato e a manufatura eram atividades praticadas nesse período. Os artesãos produziam armas, tecidos, móveis e ferramentas destinados ao consumo restrito.

Nos feudos, predominava o poder dos senhores feudais, nobres ou membros do clero, que impunham a administração, aplicavam a justiça e garantiam a ordem. Essa independência de poderes refletia-se também na economia, já que o sistema de pesos e medidas e as moedas, ainda escassas, variavam de feudo para feudo, dificultando as relações comerciais.

As terras feudais eram divididas em mansos: o senhorial, o servil e o comunal. No manso senhorial, encontrava-se o castelo, residência fortificada dos nobres. Nessas terras, o trabalho era executado pelos servos e toda a produção era destinada aos senhores. Os mansos servis, por sua vez, eram terrenos arrendados aos servos em troca de proteção e explorados pelos próprios servos, que deviam várias obrigações ao senhor. Já o manso comunal era formado por pastos e bosques de uso comum, ou seja, sujeito à exploração tanto dos senhores quanto dos servos.

A relação de trabalho predominante nos feudos foi a servidão, que, como já visto, teve sua origem no colonato, ainda no Império Romano. No entanto, o servo estava vinculado à terra, embora, em muitos casos, esse vínculo pudesse ser rompido, e devia ao senhor uma série de obrigações, pagas em forma de trabalho. Entre as várias obrigações, podem ser destacadas as principais, como:

- Corveia: trabalho não remunerado nas terras do senhor, geralmente três dias por semana, no cultivo ou em outros serviços, como a construção, a manutenção e o transporte.
- Censo: uma pequena renda fixa paga em dinheiro ou em espécie.
- Mão-morta: cobrança pela transferência hereditária, taxa cobrada para permitir que o filho do camponês permanecesse na terra.
- Banalidades: taxas pelo uso do moinho, do forno e de outras instalações de propriedade do senhor.
- Talha: parcela paga pela produção no manso servil.
- *Champart* (de *campi pars*, "parte da colheita"): devida pelo camponês e proporcional ao resultado da colheita nas terras servis.
- Dízimo: taxa devida à Igreja.

Apesar de realizar um trabalho compulsório e, em muitos casos, não poder abandonar a terra, o servo não pode ser considerado como escravo. Esta diferença é relevante, pois o servo não era considerado uma propriedade, por mais que, em alguns casos, tenha sido comprado ou vendido. Além disso, o servo podia trabalhar para o seu próprio sustento e deveria ser protegido pelos senhores.

Por outro lado, o servo também não era um trabalhador livre, já que estava submetido pelos senhores feudais ao trabalho e ao pagamento em serviços de forma obrigatória.

## EXPANSÃO DO FEUDALISMO

O crescimento demográfico, agrícola e comercial, a partir do século XI, provocou alterações no panorama europeu. Por um lado, o feudalismo atingiu seu apogeu na Europa nesse período, mas, por outro, as mesmas transformações que levaram o sistema feudal a uma estabilização colaboraram para a desarticulação desse mundo e para a formação dos Estados Modernos.

As cidades, à medida que se expandiam, aceleravam o processo de crise do modelo feudal, pois permitiam que uma nova camada social, os comerciantes, progredisse em termos financeiros. Esse fator atraía cada vez mais descontentes que buscavam tentar a sorte nas cidades, estimulando-os a romper com o modelo feudal ainda em curso. É fundamental, assim, o estudo da expansão urbano-comercial estimulada pelas Cruzadas, bem como o da crise do século XIV, para se compreender as transformações que levaram à consolidação de novas formas de organização política no interior da Europa.

### Expansão comercial e urbana

O crescimento demográfico verificado na Europa a partir do século XI provocou a revitalização urbana e comercial. É importante lembrar que as cidades e o comércio nunca desapareceram por completo durante o Período Medieval, mas permaneceram como locais das sedes administrativas da Igreja, da realização de feiras e para onde, muitas vezes, prosseguiram grupos de romeiros.

Na medida em que o excedente agrícola era ampliado, realizavam-se trocas cada vez mais frequentes dentro dos feudos, dinamizando essa que passou a se alimentar do espaço urbano, rico em mercado de consumo e com diversificada oferta de matéria-prima e mercadorias. Nesse contexto, novas técnicas de produção foram aperfeiçoadas, colaborando para que houvesse nítido avanço comercial.

Surgiram, dessa forma, os primeiros núcleos urbanos nas principais rotas comerciais. Entre 1150 e 1330, o mundo urbano medieval viveu seu apogeu. De acordo com Jacques Le Goff, historiador que se destaca como referência nas pesquisas sobre a Idade Média:

A atividade econômica, cujo centro são as cidades, chega ao seu mais alto nível. Sob a égide de uma Igreja [...] uma nova sociedade, marcada pelo cunho urbano, manifesta-se num relativo equilíbrio entre nobreza, que participa do movimento urbano mais do que se tem afirmado, burguesia [...] e classes trabalhadoras, das quais uma parte – urbana – fornece a massa de mão de obra às cidades, e a outra – rural – alimenta a cidade e é penetrada por seu dinamismo. A cultura, a arte e a religião têm uma fisionomia eminentemente urbana.

LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Em algumas das grandes cidades europeias desse período, a população chegava a 40 mil habitantes e, apesar de vinculada às atividades comerciais, dependia dos alimentos vindos do mundo rural. Não é correto, desse modo, associar o crescimento da cidade ao declínio dos feudos, visto que os feudos, inicialmente, colaboraram para sustentar a expansão urbana mediante o abastecimento agrícola.

Nesse contexto, surgiram os chamados forisburgos (do inglês médio, *borough* = cidade pequena e cercada de muralhas). Os grandes muros eram estratégia de defesa para resguardar mercadorias, comércio e lucros obtidos, visando à proteção e à regularização do tráfego, assim como à organização da cobrança de impostos.

No mundo urbano, os habitantes desfrutavam de maior liberdade, vendo-se desvinculados de alguns laços feudais. Era comum, em algumas regiões, que servos para lá fugissem, tornando-se livres. Caso, após um dado período, os senhores não conseguissem recuperá-los e levá-los de volta ao feudo, essa liberdade seria então definitiva. Com tal estratégia, arrebanhava-se mão de obra para os centros urbanos em expansão.

Por se situarem em propriedades de senhores feudais, no entanto, os cidadãos ainda estavam submetidos ao pagamento de tributos e à prestação de serviços ao senhor, embora possuíssem autonomia administrativa para gerir os centros urbanos. O documento a seguir apresenta algumas das reivindicações dos cidadãos:

No ano de Nosso Senhor de 1301, quando o rei Filipe entrou em Gand, o povo saiu ao seu encontro exigindo em altos brados que o libertasse de um pesado imposto que havia em Gand e em Bruges sobre os artigos de consumo, especialmente a cerveja [...].

LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Em muitos momentos, desejando se ver livres desse domínio, os habitantes das cidades organizaram movimentos comunais, que resultaram na conquista da autonomia política para a cidade, inclusive subordinando os senhores, o que fortaleceu os laços de solidariedade entre os cidadãos, rompendo com a dominação feudal. Apesar desses conflitos, os habitantes das cidades e os senhores possuíam forte interdependência, já que, em alguns casos, as cidades necessitavam da proteção que só os nobres poderiam proporcionar.

Assim, como forma de reafirmar sua autonomia, os tribunais estabelecidos pelos cidadãos, que também cuidavam da administração e da infraestrutura no mundo urbano, adotaram símbolos próprios, tradição essa de origem aristocrática, como a criação de selos com traços referentes aos centros urbanos:

As divisas dos primeiros selos inspiravam-se tanto em símbolos religiosos quanto em heráldicos, em paisagens da cidade com seus portões e muralhas, e ocasionalmente em retratos. O selo de Doullens (Somme) reproduz as cabeças dos Scabini, ou magistrados municipais, por exemplo.

LOYN, Henry R. (Org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. [Fragmento]

Nas cidades, a atividade econômica se desenvolveu principalmente nos setores do comércio e do artesanato. Os mercadores, chamados também de burgueses, dominavam as atividades comerciais e, em muitas cidades, controlavam também o poder político. A revitalização do uso da moeda acompanhou a expansão comercial. Os produtos do grande comércio eram os grãos, o vinho, o sal, os couros e as peles, os tecidos, os minerais e os metais e, secundariamente, a madeira.



Autor desconhecido / Domínio Público

*Mercadores de Bolonha discutem preços na venda de peles de animais (1339).*

O poder dos comerciantes nas cidades aumentava gradativamente, o que os levou a se associarem. Tais associações eram denominadas guildas e tinham como objetivo defender os interesses dos mercadores, como também garantir a isenção de certos impostos e facilitar a realização das atividades comerciais de seus membros, mediante o controle de preços previamente articulados, por exemplo. Do mesmo modo que defendiam os negócios de seus associados nas cidades, as guildas os defendiam das relações comerciais empreendidas por seus associados no exterior. No mundo urbano, seu poder cresceu de tal forma que extrapolou a esfera econômica, tornando-se algumas guildas potências políticas:

Era o caso dos poderosos mercadores importadores e exportadores pela via fluvial do Sena. Desde o século XII, em Paris, a guilda [...] é uma potência econômica e política. Em Rouen [...] rege tudo quanto concerne ao porto e ao tráfego no Sena [...] e frequentemente entra em choque com o prefeito.

LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Em determinadas cidades, havia outro foco de poder, representado pelos artesãos. Reunidos nas corporações de ofício, os artesãos estabeleciam as regras para a produção artesanal, regulamentando a qualidade, a produção e o recrutamento para diversos ofícios, com base nos interesses do empregador e do artesão qualificado e estabelecido.

As corporações favoreciam os interesses dos artesãos das diferentes cidades ao dificultar a concorrência, inclusive dos produtos vindos de fora. Por isso, uma das medidas tomadas era a delimitação estrita das áreas de atuação, de modo a evitar a sobreposição de competências. Procurava-se dificultar, por exemplo, que uma oficina de conserto tivesse permissão de confeccionar peças novas.

Existiam corporações para cada um dos ofícios exercidos e a não associação poderia implicar banimento da cidade. Os laços de solidariedade entre os associados eram reforçados, já que, em alguns casos, as corporações tinham caráter assistencial. Os estatutos e a hierarquia eram rígidos e o não cumprimento das regras poderia levar a graves punições:

Em Douai, em 1284, um peixeiro é espancado quase até a morte por seus concorrentes porque vende sua mercadoria mais barato.

LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. [Fragmento]

A expansão da atividade comercial reanimou o comércio de longa distância. No entrecruzamento das principais rotas comerciais, as feiras medievais se fortaleceram.

Nos séculos XII e XIII, as feiras eram os grandes centros de comércio europeus, sendo que algumas recebiam mercadores de todo o continente. As atividades financeiras e bancárias ganharam espaço, viabilizando as transações financeiras nesses locais e tornando possíveis empréstimos e notas bancárias, o que facilitou as trocas realizadas entre pessoas provenientes de diferentes partes da Europa.

As feiras proporcionaram a regularidade do comércio europeu na Baixa Idade Média, visto que garantiam o encontro frequente entre os mercadores de várias regiões. Na região de Champagne, na França, as feiras recebiam mercadorias provenientes das regiões de Flandres, Gênova, Veneza e de regiões da atual Alemanha. A lã inglesa, as especiarias e os corantes mediterrâneos, as peles e os linhos alemães, os artigos espanhóis de couro eram as principais mercadorias de troca.

Com o incremento do comércio a longa distância, surgiram agremiações entre os comerciantes de várias cidades, chamadas hansas. A mais poderosa entre essas ligas foi a hanseática, que dominava o comércio no norte da Europa. Os mercadores dessa região estabeleceram o monopólio comercial no Báltico, transportando mercadorias como peixe, madeira, cereais e peles. Da região de Flandres, eram levados tecidos e lã, que eram revendidos por toda a Europa. No sul, as cidades mediterrâneas de Gênova e Veneza passaram a controlar, progressivamente, o comércio de especiarias vindas do Oriente, em especial após as Cruzadas. O mapa a seguir demonstra a vitalidade do comércio medieval a partir do século XII.

**Rotas comerciais durante a Baixa Idade Média**



A expansão comercial provocou transformações nas estruturas da sociedade europeia, que, mesmo tendo mantido o seu caráter rural, viu surgir novas forças sociais vinculadas às cidades. Novas formas de sociabilidade surgiam no mundo urbano, produzindo efeitos nas estruturas feudais.

A Igreja, ainda detentora de grande poder, se posicionava contra essas mudanças devido à emergência de uma nova fonte de autoridade na sociedade. Além disso, a vida urbana estimulava laços de solidariedade fora da Igreja, entre os próprios membros da comuna e seus simpatizantes e agregados.

A atividade comercial sofria uma forte restrição ao ser combatida pela instituição medieval mais poderosa. Para a Igreja, as mercadorias deveriam ser vendidas pelo seu justo preço e não com a intenção de lucro. Os juros eram vistos como atividades ilícitas, já que os seus praticantes estariam lucrando sobre o tempo, pertencente a Deus.

## CRUZADAS

As Cruzadas foram expedições militares e religiosas que, inicialmente, tinham dois objetivos principais: a conquista da Terra Santa, em especial da cidade sagrada de Jerusalém, e a contenção do avanço muçulmano sobre a região do Império Bizantino. A expulsão dos muçulmanos era vista como forma de expansão do cristianismo, e era incentivada pela Igreja como uma continuação do movimento de Reconquista ibérica, que também se deu com objetivos semelhantes. A luta pela retomada da região das mãos dos mouros é considerada uma manifestação do espírito das Cruzadas.

Outro objetivo da Igreja foi a repressão aos movimentos heréticos dos cátaros no sul da França. A perseguição às chamadas heresias demonstra que os ataques não se reservaram aos infiéis, como eram chamados os muçulmanos, mas também atingiram os cristãos europeus que se vinculavam a práticas espirituais que não fossem o catolicismo.

As Cruzadas apresentavam outras motivações de natureza econômica, afinal, para as cidades do Mediterrâneo, como Veneza, as Cruzadas representavam uma possibilidade de lucro nas áreas que viriam a ser conquistadas em direção ao Oriente. Além disso, as riquezas e as terras do Mediterrâneo Oriental eram cobiçadas pelos nobres da Europa Ocidental, que começavam a buscar novas fontes de riqueza devido ao crescimento demográfico.

Do ponto de vista social, as Cruzadas significavam uma possibilidade de diminuir os conflitos, cada vez mais constantes, no interior da nobreza europeia, uma vez que a belicosidade dos nobres seria canalizada para o Oriente, empreendimento esse justificado pelos objetivos religiosos.

A busca pela Terra Santa era, ainda, uma possibilidade para o escoamento do excedente populacional, direcionado para a composição dessas expedições.

Ao todo, foram realizadas cinco grandes Cruzadas em direção ao Oriente e travadas inúmeras batalhas entre cristãos e muçulmanos. Se, para os cristãos, a guerra era considerada justa, para seus inimigos, os cristãos eram selvagens e bárbaros. Apesar dos ataques violentos, a conquista definitiva de Jerusalém, o principal objetivo religioso do movimento, não ocorreu. A reaproximação com o Império Bizantino foi dificultada devido aos saques constantes dos europeus ocidentais nessa região.

Apesar de fracassar quanto aos objetivos religiosos, é possível afirmar que as Cruzadas provocaram profundas alterações na Europa feudal. Do ponto de vista econômico, o contato com os árabes dinamizou as relações entre os europeus e o Oriente. As especiarias trazidas do mundo oriental pelos árabes ou vindas das rotas que passavam pelo Império Bizantino eram revendidas em toda a Europa pelos comerciantes das cidades de Gênova e Veneza. A propagação das culturas helênica, bizantina e árabe colaborou, ainda, para o desenvolvimento artístico e científico da Europa cristã.

Em contrapartida, a participação nessas guerras colaborou para o relativo enfraquecimento da nobreza feudal, visto que o envolvimento nas disputas gerava gastos e que as derrotas agravaram a situação dos nobres. Em muitos casos, os senhores, ao voltarem das expedições, se viam obrigados a conceder a liberdade aos servos que, naquele momento, eram cada vez mais atraídos para a vida nas cidades.



### Cruzadas



Nesse vídeo, você conhecerá o papel desempenhado pelas Cruzadas para a expansão do comércio internacional na Baixa Idade Média.

## CRISE DO FEUDALISMO

A partir do século XIV, uma série de eventos levou à crise do mundo feudal e à organização dos Estados Modernos na Europa Ocidental. Vale ressaltar, entretanto, que esse processo não foi contínuo, possuindo variações regionais. Na França, por exemplo, os impostos de origem feudal e as distinções baseadas no nascimento só foram extintos no século XVIII, durante a Revolução Francesa. Na Península Itálica e na região central, os Estados se unificaram apenas no século XIX, quando surgiram Itália e Alemanha.

## Peste, fome e guerra

O século XIV foi marcado por uma série de calamidades que colaboraram para acelerar as transformações no interior do feudalismo. Esses acontecimentos tiveram origem na própria expansão da economia feudal. O crescimento demográfico e comercial observado a partir do século XI provocou transformações no panorama da sociedade europeia, levando a novos métodos de exploração agrícola, como a irrigação, a drenagem e o sistema de rotação de culturas, que transformaram em terras férteis locais antes caracterizados por pântanos e regiões muito secas.

A destruição de áreas florestais foi típica desse período, aumentando a área cultivável em várias regiões da Europa. Esse processo de expansão das áreas produtivas, conhecido como arroteamento, acarretou enormes impactos ambientais. No início do século XIV, portanto, foi registrado um grave desequilíbrio climático responsável por um período de intensas chuvas entre os anos de 1315 e 1317.

Os efeitos dessas alterações foram percebidos na agricultura, que sofreu uma considerável retração. A consequência mais imediata desse fato foi a fome generalizada. A morte causada pela falta de alimentos provocou o início da reversão do crescimento populacional europeu. Outra decorrência da crise de produção foi o aumento da exploração sobre os camponeses, já que, naquele momento, os grandes senhores não aceitavam a queda de seus rendimentos. Essa população, faminta e superexplorada, não teve, desse modo, como resistir à expansão de diversas epidemias, como a Peste Negra.

A Peste Negra havia sido epidêmica na Europa medieval no século VI, tendo desaparecido no século VIII, mas retornou no século XIV e continuou endêmica no continente até o período posterior ao século XVII. A partir de 1340, a Peste se alastrou pelas regiões das atuais Itália, França, Inglaterra, Alemanha e Polônia, gerando grande destruição.

Nos portos europeus, os ratos e as pulgas foram os portadores da peste. Após chegar à Europa, em 1348, ela se espalhou rapidamente. Algumas cidades – Paris, Hamburgo, Florença, Veneza – perderam metade de sua população ou mais. Os vilarejos tinham mais chance de escapar da infecção. Ela se espalhava lentamente no inverno e rapidamente no verão. No total, talvez 20 milhões de europeus tenham morrido, ou uma em cada três pessoas. A escassez de alimentos das primeiras décadas foi substituída pela escassez de mão de obra. As terras aráveis já não faltavam. Em algumas regiões da Alemanha, havia mais vilarejos abandonados do que habitados, e os campos que um dia soavam alto com trabalhadores na colheita estavam agora cobertos de mato e de silêncio.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. 2. ed. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009. [Fragmento]

## As revoltas camponesas

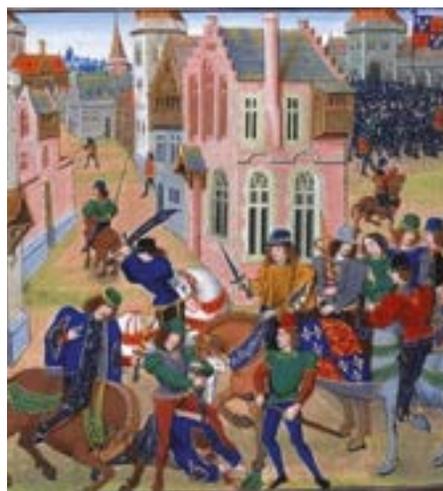
O desenvolvimento comercial e a expansão da atividade urbana já vinham atraindo os camponeses europeus para a vida nas cidades durante toda a Baixa Idade Média, pois, no mundo urbano, os trabalhadores se viam livres dos laços servis.

No entanto, foi o aumento da exploração no campo – decorrente do declínio demográfico – que fez surgir uma série de movimentos camponeses na Europa. Essas revoltas tiveram papel fundamental na desagregação do feudalismo ao colocar em xeque o tradicional papel da nobreza medieval.

Na França, os motins receberam o nome de *jacqueries*, decorrente da expressão Jacques Bonhomme, que pode ser traduzida por “João Ninguém”. Na Inglaterra, as revoltas de John Ball (1338-1381) e Wat Tyler (1341-1381) provocaram temor na nobreza. Foram comuns, durante esses movimentos, a destruição de propriedades e o assassinato de vários nobres.



FROISSAT, Jean. *Jacqueries*. Biblioteca Nacional da França. Manuscrito do Século XV.



FROISSAT, Jean. *Morte de Wat Tyler*. Biblioteca Nacional da França. Manuscrito do Século XV.

A reação da aristocracia contra as revoltas foi igualmente violenta, no entanto, o tumulto nos campos deixava clara a dificuldade da nobreza fundiária em manter o controle diante das profundas transformações na sociedade europeia, abrindo espaço para o fortalecimento do poder real.

## IGREJA MEDIEVAL

Para compreender a influência da Igreja no Período Medieval, é necessário um pequeno histórico do cristianismo desde a Antiguidade. O cristianismo expandiu-se a partir da região da Palestina pelas regiões em torno do Mar Mediterrâneo chegando até Roma, sede do Império Romano.

Nesse período, o cristianismo iniciou a sua penetração entre as classes populares, já que oferecia a possibilidade de salvação ao grupo social que mais sofria. Até o século IV, os cristãos eram perseguidos no Império por serem monoteístas, por contestarem o militarismo da cultura romana e por negarem o caráter divino do imperador. Com o agravamento da crise no Império, no entanto, o cristianismo passou a se expandir e a conquistar adeptos entre as classes dirigentes.

Em 313 d.C., com o Édito de Milão, Constantino concedeu liberdade de culto aos cristãos e converteu-se ao cristianismo que, naquele momento, ainda era religião de uma minoria. Com Teodósio, através do Édito de Tessalônica, o cristianismo foi considerado a religião oficial, e, dessa vez, os pagãos passaram a ser perseguidos. Prestigiados, os cristãos alcançaram altos cargos no Império, e os bispos passaram a cuidar da administração das cidades. O cristianismo tornava-se, portanto, uma religião de Estado.

Mesmo diante do colapso do Império Romano, a Igreja cristã manteve-se unida, o que favoreceu o seu fortalecimento. De acordo com Hilário Franco Júnior:

O cristianismo, por sua vez, foi o elemento que possibilitou a articulação entre romanos e germanos, o elemento que ao fazer a síntese daquelas duas sociedades forjou a unidade espiritual, essencial para a civilização medieval.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. [Fragmento]

Com a conversão dos reis germânicos, iniciada com Clóvis, do reino dos francos, a Igreja aumentou sua influência no mundo. Para isso, contou com auxílio dos monarcas que, em troca, recebiam a legitimação do seu poder. Em uma sociedade marcada pelo medo, seja da fome, seja das guerras, o cristianismo oferecia alívio em momentos de desespero, o que contribuiu para a sua expansão.

Gradativamente, a Igreja tornou-se a instituição mais poderosa do mundo medieval, tendo sido a própria educação, em grande parte, controlada pelo clero por meio do monopólio da escrita e da leitura. Para o homem medieval, a resposta para os questionamentos se encontrava no sagrado, e era a Igreja que fornecia explicações para essas questões.

A visão medieval era marcada por essa religiosidade e a promessa de que os sacrifícios no mundo terreno seriam compensados após a morte, na vida eterna. Dessa maneira, a Igreja conseguia garantir a ordem e a estrutura social, alegando que os sofrimentos dos trabalhadores na Terra terminariam no reino dos céus.

O culto aos santos e, principalmente, à Virgem Maria constituía um laço que unia os homens medievais. As peregrinações e os jejuns eram ações importantes na luta contra a suposta presença do demônio. A Igreja estava presente nos momentos principais da vida do homem, como o nascimento, o matrimônio e a morte. Além disso, podia julgar questões relativas ao casamento e excomungar aqueles que não cumprissem suas regras, tendo poder para excomungar até um rei.

## CULTURA MEDIEVAL

Devido à sua proximidade com a Igreja, a cultura medieval foi durante muito tempo vista como inferior àquelas que lhe antecederam e sucederam. Essa visão, contudo, pode ser contestada com base em uma análise de aspectos dessa cultura.

A cultura medieval alcançou seu apogeu na construção das grandes catedrais, igrejas de cada diocese e normalmente a residência dos bispos. Algumas delas demoraram um século para serem construídas e, na sua construção, era necessário o trabalho de arquitetos e pedreiros remunerados. Dos séculos X ao XII, predominou o estilo românico, caracterizado pela horizontalidade e pelo caráter de fortificação. O material básico utilizado era a pedra e na sua estrutura eram incorporadas esculturas e murais.

A partir do século XII, o estilo gótico ganhou força. Sua característica principal era a verticalidade. A altura das torres apontando para o céu reforçava a grandeza da Igreja Católica. A luz era restrita e penetrava parcialmente pelos vitrais coloridos que retratavam símbolos sagrados.



*Catedral de Notre-Dame de Chartres, construída no século XII, na França.*

Na Filosofia Medieval, sobretudo na Baixa Idade Média, é possível notar a tentativa de promover a junção entre a Teologia e a Filosofia. Até o século XI, o pensamento foi influenciado pelas obras de Agostinho de Hipona e, a partir desse período, as obras de Tomás de Aquino passam a ser mais influentes. Através da releitura das obras de Aristóteles, Tomás de Aquino pretendia promover a conciliação entre a fé e a razão, sendo as universidades medievais importantes centros de difusão do seu pensamento.

O surgimento das primeiras universidades estava relacionado ao desenvolvimento da vida urbana e do comércio, afinal, a formação de funcionários mais qualificados e preparados para as novas funções que surgiram nesse contexto colaborou para a fundação dessas instituições. Inicialmente controladas pela Igreja, as universidades se multiplicaram na Baixa Idade Média por toda a Europa. A primeira delas foi a de Bolonha, na Itália, fundada em 1088.

A despeito dos preconceitos vinculados à Idade Média, atualmente a cultura popular do período vem sendo alvo de inúmeros estudos por parte dos historiadores. Sabemos hoje, por exemplo, que a vida do camponês medieval era marcada por uma diversidade de manifestações culturais, como as festas. Nelas, o camponês conseguia subverter a rígida hierarquia por um breve período. A Igreja e os senhores eram ridicularizados em festas como a do "Asno" ou a dos "Tolos". O conhecimento dessas manifestações revela um lado alegre e festivo do mundo feudal e que fugia às convenções determinadas pela Igreja. O carnaval também tem sua origem na Idade Média e representava um período de transgressão, aceito pela própria Igreja, que antecederia a quaresma, período de penitência.

A representação a seguir, do século XVI, revela esse aspecto do cotidiano do camponês europeu. Produzida por Pieter Brueghel, no contexto da Reforma Protestante, a imagem ironiza o conflito entre as práticas mundanas e religiosas, simbolizadas, respectivamente, pelo carnaval e pela quaresma.



BRUEGEL, Pieter. *O combate entre o carnaval e a quaresma*. 1559. Tinta a óleo, 118 x 164,5 cm. Museu da História da Arte de Viena.

*O quadro retrata o contraste entre a vida religiosa, representada pela quaresma, e os prazeres oriundos do carnaval.*

## EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UECE–2019) As principais características do Feudalismo são as relações de dependência e fidelidade. A doação do feudo se concretizava com um juramento por meio do qual o nobre se comprometia a
  - A) proteger e auxiliar militarmente o outro.
  - B) respeitar e amar o seu vassalo.
  - C) pagar o direito de usufruto.
  - D) proporcionar isenção no pagamento de tributos.
  
02. (UFRN) No Ocidente europeu medieval, a palavra latina *servus* designava a maior parte dos trabalhadores rurais, cuja condição se diferenciava da condição dos escravos da Antiguidade Romana. Na época feudal, esses trabalhadores
  - A) gozavam de uma melhor condição jurídica, em razão das "cartas de franquia", que aboliram as "corveias" a que estavam obrigados.
  - B) estavam sujeitos aos caprichos dos senhores feudais, que poderiam vendê-los a outros proprietários agrícolas.
  - C) foram beneficiados com a difusão dos valores cristãos, os quais possibilitaram sua mobilidade social, em toda a Cristandade.
  - D) recebiam dos grandes proprietários faixas de terras para cultivar e, em contrapartida, prestavam serviços gratuitos a esses proprietários, além de ficar devendo-lhes outras obrigações.
  
03. (UEFS-BA) A ideia de indivíduo isolado, livre para fazer o que quisesse, não existia na mentalidade medieval. Alguém sempre estava subordinado a um grupo, dependia da proteção e devia fidelidade a alguém ou a uma instituição. O indivíduo que se considerava livre, não sujeito a nenhuma proteção e fidelidade, era o marginal, pois encontrava-se à margem das regras medievais e deveria ser perseguido pelos poderes estabelecidos: castelão, Igreja e rei. (CÁCERES, 1996, p. 126).
 

CÁCERES, F. *História Geral*. 4. ed. rev. ampl. atual. São Paulo: Moderna, 1996.

A característica coletivista das sociedades feudais europeias, indicada no texto, estava diretamente associada

  - A) ao modo de produção feudal, fundamentado na exploração da terra como fator de subsistência e de manutenção das hierarquias sociais.
  - B) à escassez de terras férteis, o que obrigava os camponeses a se concentrarem em torno dos chefes tribais.
  - C) ao fortalecimento dos laços de cooperação e solidariedade, responsáveis pela ausência de conflitos armados na Europa feudal.
  - D) ao domínio dos reis sobre o conjunto formado pelos nobres, clérigos e servos que compunham a população medieval europeia.
  - E) à atração exercida pelas Cruzadas sobre o imaginário medieval.

- 04.** (UEFS-BA-2017) A sociedade feudal era dividida em três partes, de acordo com
- a ocupação de cada grupo político: administrar, representar ou servir.
  - a atribuição de cada grupo social: liderança, organização ou obediência.
  - a definição de cada grupo político: governar, legislar ou julgar.
  - a função de cada grupo social: orar, guerrear ou trabalhar.
  - a origem de cada grupo social: aristocracia, burguesia ou proletariado.
- 05.** (UNIFESP) Por trás do ressurgimento da indústria e do comércio, que se verificou entre os séculos XI e XIII, achava-se um fato de importância econômica mais fundamental: a imensa ampliação das terras aráveis por toda a Europa e a aplicação à terra de métodos mais adequados de cultivo, inclusive a aplicação sistemática de esterco urbano às plantações vizinhas.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

O texto trata da expansão agrícola na Europa Ocidental e Central entre os séculos XI e XIII. Entre as razões desse aumento de produtividade, podemos citar

- o crescimento populacional, com decorrente aumento do mercado consumidor de alimentos.
- a oportunidade de fornecer alimentos para os participantes das Cruzadas e para as áreas por eles conquistadas.
- o fim das guerras e o estabelecimento de novos padrões de relacionamento entre servos e senhores de terras.
- a formação de associações de profissionais, com decorrente aperfeiçoamento da mão de obra rural.
- o aprimoramento das técnicas de cultivo e uma relação mais intensa entre cidade e campo.

## EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (UEFS-BA) Carlos Magno dividiu (seus domínios) em circunscrições. As circunscrições fronteiriças chamavam-se marcas. [...] As marcas eram bem fortificadas e serviam para a proteção do Estado contra invasões posteriores.

A frente de cada circunscrição estava um conde. O conde que chefiava uma marca chamava-se margrave. [...] Carlos Magno distribuía benefícios entre seus vassallos. Exigia deles não somente participação pessoal nas expedições militares, mas também a apresentação de homens armados.

KOMINSKY. [s.d.]. p. 92.

O reinado de Carlos Magno (768-814 d.C.), na Gália, concretizou-se por desenvolver uma política que culminou com

- a decadência do Império Romano, ao agregar, no seu exército, elementos bárbaros, que se sublevaram e minaram o poder do exército romano.
  - a formação do feudalismo, através da concessão de benefícios que fortaleciam o poder local, ao estabelecer uma rede de proteção e favores.
  - a perda da influência política e social da Igreja Católica, ao estabelecer o cesaropapismo e submetê-la ao controle do Estado.
  - o fortalecimento do Estado Moderno, submetendo a nobreza ao controle do poder real e contribuindo para desagregar a burguesia industrial.
  - a expulsão dos muçulmanos da Península Ibérica e a consolidação do poder dos marqueses e dos condes, em detrimento do poder real.
- 02.** (FGV) Os dados do quadro representam uma prática criada na Europa do século XI.

	1º ano	2º ano	3º ano
Campo I	trigo	cevada	em repouso
Campo II	cevada	em repouso	trigo
Campo III	em repouso	trigo	cevada

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem* (Adaptação).

Sobre esse contexto, é correto afirmar que

- a estratégia da alternância agrícola revelou um retrocesso técnico sem precedentes, gerando desgaste na terra e a decorrente inviabilidade de algumas culturas.
  - a ordem econômica no mundo medieval teve como característica central o constante atraso tecnológico, que levou ao fim do feudalismo no século X.
  - a economia feudal permitiu importantes inovações técnicas, tais como a rotação de terras, que contribuíram para desenvolver a atividade agrícola.
  - o feudalismo produziu uma sociedade em direção ao igualitarismo, pois esse processo técnico demonstrava que os avanços eram raros e de pouco impacto.
  - essa técnica foi uma imposição do clero católico, que considerava a alternância de produção agrícola como um desígnio divino.
- 03.** (Unicamp-SP) Guerreiros a pé e cavaleiros fizeram um caminho através dos cadáveres. Mas tudo isso ainda era pouca coisa. Fomos ao Templo de Salomão, onde os sarracenos tinham o costume de celebrar seus cultos.

O que se passou nestes lugares? Se dissermos a verdade, ultrapassaremos o limite do que é possível crer. Será suficiente dizer que, no Templo e no pórtico de Salomão, cavalgava-se em sangue até os joelhos dos cavaleiros e até o arreio dos cavalos. Justo e admirável julgamento de Deus, que quis que este lugar recebesse o sangue daqueles que blasfemaram contra Ele durante tanto tempo.

D'AGUILLER, Raymond. *Historia Francorum qui ceperunt Jerusalem*. Disponível em: <<http://www.fordham.edu/halsall/source/raymond-cde.asp#jerusalem2>>. Acesso em: 01 out. 2014.

O texto anterior se refere à Primeira Cruzada (1096-1099). Responda às questões a seguir:

- Identifique um motivo econômico e um motivo político para o movimento das Cruzadas.
- Que grupo social liderou esse movimento e como o cronista citado identifica o apoio de Deus ao empreendimento cruzadístico?

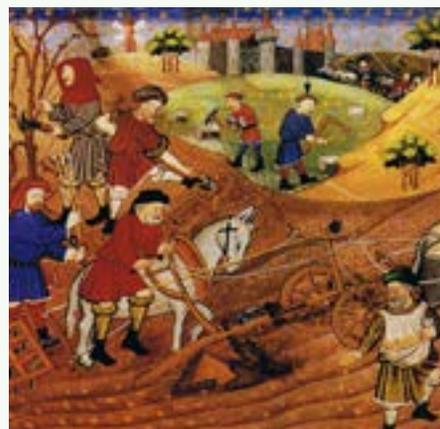
- 04.** (Unemat-MT-2017) O feudalismo se desenvolveu em um longo processo de desagregação do antigo Império Romano. Os motivos foram muito variados, indo desde a subjugação de povos de diferentes culturas, até mesmo a incapacidade de administração e usurpação do poder. Estes fatores juntos contribuíram para a crise e a queda do Império, dando origem a um novo sistema, o feudalismo.

PEDRO, Antonio. *História do Mundo Ocidental*. São Paulo: FTD, 2005.

O feudalismo é um sistema social baseado na existência de diferentes divisões sociais, em que as classes predominantes eram:

- Senhores feudais proprietários das terras e os servos trabalhadores das terras e que pagavam impostos para os senhores feudais, em conformidade com sua produção agrícola e a utilização de benfeitorias existentes nas terras dos senhores.
- Patrícios grandes proprietários de terras e os plebeus trabalhadores rurais que possuíam pequenas propriedades, eram artesãos ou comerciantes e não possuíam participação política.
- Capitalistas proprietários do comércio e da indústria, e de outro lado os operários que vendiam seu trabalho em troca de salário.
- Os reis donos das terras e de exércitos que controlavam a política e a economia e de outro lado havia os súditos, pessoas que não possuíam bens, trabalhavam nas propriedades reais em troca de proteção e parte da produção agrícola.
- Reis proprietários das terras e controladores do mercado e da política, e os comerciantes, nobres possuíam recursos, mas não tinham acesso a política.

- 05.** (Unicamp-SP)



Maître de Talbot, Les travailleurs, reproduzido de LANDA, Edward; FELLER, Christian (Ed.). *Soil and culture*. New York: Springer, 2010. p. 16.

No quadro anterior, observa-se a organização espacial do trabalho agrícola típica do período medieval. A partir dele, podemos afirmar que

- os camponeses estão distantes do castelo porque já abandonavam o domínio senhorial, num momento em que práticas de conservação do solo, como a rotação de culturas, e a invenção de novos instrumentos, como o arado, aumentavam a produção agrícola.
- os camponeses utilizavam, então, práticas de plantio direto, o que permitia a melhor conservação do solo e a fertilidade das terras que pertenciam a um senhor feudal, como sugere o castelo fortificado que domina a paisagem ao fundo do quadro.
- um castelo fortificado domina a paisagem, ao fundo, pois os camponeses trabalhavam no domínio de um senhor; pode-se ver também que utilizavam práticas de rotação de culturas, visando à conservação do solo e à manutenção da fertilidade das terras.
- a cena retrata um momento de mudança técnica e social: desenvolviam-se novos instrumentos agrícolas, como o arado, e o uso de práticas de plantio direto, o que levava ao aumento da produção, permitindo que os camponeses abandonassem o domínio senhorial.

- 06.** (UEL-PR) Leia o texto a seguir:

Os camponeses que viviam nessas terras já não eram homens livres [...]. Eles pertenciam à terra que o rei tinha atribuído a um senhor ou às terras que um nobre já possuía. [...] Esses camponeses eram chamados "servos". Não eram considerados cidadãos do reino. Nem tinham direito de se deslocar conforme quisessem, nem de decidir se estavam ou não dispostos a cultivar. [...] Esses homens sem liberdade não eram exatamente escravos, pois pertenciam à terra, que por sua vez pertencia ao rei, mesmo que ele a cedesse a um nobre. O nobre ou príncipe não tinha direito de vendê-los nem de matá-los, ao contrário do que acontecia com os donos de escravos de antes.

Fora isso, tinha direito de exigir deles o que quisesse. Sempre que ordenasse, os servos tinham de cultivar suas terras e trabalhar para ele. Eram obrigados a lhe fornecer regularmente pão e carne para sua alimentação, pois o nobre não trabalhava no campo. No máximo ia à caça, quando tinha vontade. O domínio que o rei lhe cedera, chamado "feudo", era sua propriedade, e ele a transmitia ao filho por herança, a não ser que cometesse faltas graves para com o rei. Em troca do feudo, o senhor se comprometia com o rei a custear a formação de um exército com seus camponeses e outros senhores e a lutar pelo rei quando houvesse guerra. Ora, guerras havia com frequência.

GOMBRICH, E. H. *Breve história do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 160-161.

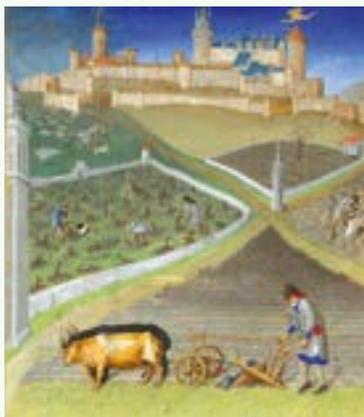
De acordo com o texto e com os conhecimentos sobre a sociedade feudal europeia, é correto afirmar:

- A) A instituição do feudalismo estimulou a formação de um mercado de compra e venda de terras, constituindo-se embrião da atual propriedade privada fundiária.
- B) A Igreja de Roma resistiu à formação dos feudos, devido à sua opção preferencial pelos pobres, ficando segregada do sistema feudal.
- C) As cidades europeias desapareceram a partir do século XI, no período de crise da produção feudal, porque o comércio foi extinto.
- D) Os Estados medievais constituíram estruturas poderosas e complexas, com exército regulares, cunhagem centralizada da moeda e sistema jurídico baseado no Direito Romano.
- E) As terras senhoriais eram compostas pelas reservas senhoriais, trabalhadas pelos servos, pelas terras destinadas à subsistência dos servos e pelas terras coletivas, para o uso de todos.

07.  
43AJ

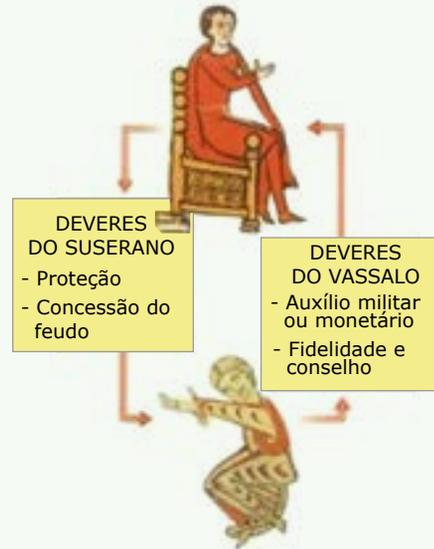


(UFRN) As imagens e o fragmento textual a seguir abordam elementos essenciais do feudalismo medieval.



MONTELLATO, Andréa; CABRINI, Conceição; CATELLI JR., Roberto. *História temática: terra e propriedade*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2005. p. 57.

Figura 1. Camponês arando a terra.



Disponível em: <hist7alfandega.blogspot.com/>. Acesso em: 28 ago. 2009.

Figura 2. Relações de suserania e de vassalagem.

O feudalismo foi constituído pela articulação entre dois eixos de relações: as relações feudo-vassálicas e as relações servis de produção. As relações feudo-vassálicas estabeleciam-se entre membros da aristocracia militar e territorial e baseavam-se no feudo, na fidelidade e na reciprocidade. As relações servis de produção estabeleciam-se entre o senhor da terra e o trabalhador e estavam baseadas na desigualdade de condições e na exploração do trabalho.

PEDRO, Antonio; LIMA, Lizânias de Souza; CARVALHO, Yvone de. *História do mundo ocidental: Ensino Médio*. São Paulo: FTD, 2005. p. 97.

A partir da análise das imagens e do fragmento textual, sobre a sociedade medieval na Europa Ocidental é correto afirmar:

- A) A reciprocidade típica das relações entre suseranos e vassalos também estava presente nas relações servis de produção, devido às desigualdades sociais existentes entre nobres e servos.
- B) As relações de produção predominantes no mundo feudal estavam assentadas na exploração do trabalho dos vilões, que viviam nas comunas, base política e econômica de suseranos e vassalos.
- C) As relações servis de produção adquiriram importância e serviram de sustentáculo para a manutenção da aristocracia feudal, no interior da qual se estabeleceram relações de suserania e de vassalagem.
- D) O desenvolvimento das relações servis de produção, graças a sua alta produtividade no final do período medieval, reforçou, ainda mais, os vínculos entre suseranos e vassalos em toda a Europa.

- 08.** (FUVEST-SP) Se, para o historiador, a Idade Média não pode ser reduzida a uma “Idade das Trevas”, para o senso comum, ela continua a ser lembrada dessa maneira, como um período de práticas e instituições “bárbaras”.

Com base na afirmação anterior, indique e descreva

- A) duas contribuições relevantes da Idade Média.
- B) duas práticas ou instituições medievais lembradas negativamente.

- 09.** (UFPB) A Igreja Católica Apostólica Romana é uma das instituições mais antigas da humanidade. Decorreram mais de mil anos desde as suas origens, como credo de contestação às crenças e práticas religiosas pagãs, passando por seu reconhecimento como religião oficial do Império Romano, até a sua primeira grande divisão, conhecida como Cisma do Oriente, ocorrida em 1054.

A respeito desse primeiro milênio do cristianismo, é correto afirmar:

- A) Os principais dogmas da Igreja, no Império Romano do Oriente, nunca foram questionados, e o cristianismo, mesmo afastado do poder secular, conseguiu fortalecer o poder do Papa.
- B) A crise do Império Romano, no século IV, foi um elemento importante para a ascensão do cristianismo, e, nesse período, até membros da elite romana converteram-se à nova religião.
- C) A relação entre os cristãos e as lideranças romanas, no início do cristianismo, foi facilitada pela fragilidade do Império Romano, naquele momento, e ampliada pela tolerância dos cristãos com os politeístas.
- D) A intolerância do Imperador Constantino com os cristãos foi um dos fatores do grande Cisma do Oriente, e a relação tumultuada entre o Imperador e o Papa levou à separação do Estado romano da Igreja.
- E) O papa Leão I, líder religioso e político de Constantinopla, disputava o poder com o imperador, mediante incentivo aos monofisistas e aos iconoclastas, e esse confronto contribuiu para a criação da Igreja Ortodoxa.

No texto, o espaço descrito se caracteriza pela associação entre a ampliação das atividades urbanas e a

- A) emancipação do poder hegemônico da realeza.
- B) aceitação das práticas usurárias dos religiosos.
- C) independência da produção alimentar dos campos.
- D) superação do ordenamento corporativo dos ofícios.
- E) permanência dos elementos arquitetônicos de proteção.

- 02.** (Enem–2017) Entre os séculos XII e XIII, a recrudescência das condenações da usura é explicada pelo temor da Igreja ao ver a sociedade abalada pela proliferação da usura, quando muitos homens abandonam sua condição social, sua profissão, para tornarem-se usurários. No século XIII, o papa Inocêncio IV teme a deserção dos campos, devido ao fato de os camponeses terem se tornado usurários ou estarem privados de gado e de instrumentos de trabalho pertencentes aos possuidores de terras, eles próprios atraídos pelos ganhos da usura. A atração pela usura ameaça a ocupação dos solos e da agricultura e traz o espectro da fome.

LE GOFF, J. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 2004 (Adaptação).

A atitude da Igreja em relação à prática em questão era motivada pelo interesse em

- A) suprimir o debate escolástico.
- B) regular a extração de dízimos.
- C) diversificar o padrão alimentar.
- D) conservar a ordem estamental.
- E) evitar a circulação de mercadorias.

- 03.** (Enem) No início foram as cidades. O intelectual da Idade Média – no Ocidente – nasceu com elas. Foi com o desenvolvimento urbano ligado às funções comercial e industrial – digamos modestamente artesanal – que ele apareceu, como um desses homens de ofício que se instalavam nas cidades nas quais se impôs a divisão do trabalho. Um homem cujo ofício é escrever ou ensinar, e de preferência as duas coisas a um só tempo, um homem que, profissionalmente, tem uma atividade de professor e erudito, em resumo, um intelectual – esse homem só aparecerá com as cidades.

LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

O surgimento da categoria mencionada no período em destaque no texto evidencia o(a)

- A) apoio dado pela igreja ao trabalho abstrato.
- B) relação entre desenvolvimento urbano e divisão de trabalho.
- C) importância organizacional das corporações de ofício.
- D) progressiva expansão da educação escolar.
- E) acúmulo de trabalho dos professores e eruditos.

## SEÇÃO ENEM



- 01.** (Enem–2019) A cidade medieval é, antes de mais uma sociedade da abundância, concentrada num pequeno espaço em meio a vastas regiões pouco povoadas. Em seguida, é um lugar de produção e de trocas, onde se articulam o artesanato e o comércio, sustentados por uma economia monetária. É também centro de um sistema de valores particular, do qual emerge a prática laboriosa e criativa do trabalho, o gosto pelo negócio e pelo dinheiro, a inclinação para o luxo, o senso da beleza. E ainda um sistema de organização de um espaço fechado com muralhas, onde se penetra por portas e se caminha por ruas e praças e que é guarnecido por torres.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006.

04. (Enem) A casa de Deus, que acreditam una, está, portanto, dividida em três: uns oram, outros combatem, outros, enfim, trabalham. Essas três partes que coexistem não suportam ser separadas; os serviços prestados por uma são a condição das obras das outras duas; cada uma por sua vez encarrega-se de aliviar o conjunto... Assim a lei pode triunfar e o mundo gozar da paz.

ALDALBERON DE LAON. In: SPINOSA, F. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Sá da Costa, 1981.

A ideologia apresentada por Aldalberon de Laon foi produzida durante a Idade Média. Um objetivo de tal ideologia e um processo que a ela se opôs estão indicados, respectivamente, em:

- A) Justificar a dominação estamental / revoltas camponesas.  
 B) Subverter a hierarquia social / centralização monárquica.  
 C) Impedir a igualdade jurídica / revoluções burguesas.  
 D) Controlar a exploração econômica / unificação monetária.  
 E) Questionar a ordem divina / Reforma Católica.
05. (Enem)

#### Calendário medieval, século XV



Disponível em: <[www.ac-grenoble.fr](http://www.ac-grenoble.fr)>.  
 Acesso em: 10 maio 2012.

Os calendários são fontes históricas importantes, na medida em que expressam a concepção de tempo das sociedades. Essas imagens compõem um calendário medieval (1460-1475) e cada uma delas representa um mês, de janeiro a dezembro. Com base na análise do calendário, apreende-se uma concepção de tempo

- A) cíclica, marcada pelo mito arcaico do eterno retorno.  
 B) humanista, identificada pelo controle das horas de atividade por parte do trabalhador.  
 C) escatológica, associada a uma visão religiosa sobre o trabalho.  
 D) natural, expressa pelo trabalho realizado de acordo com as estações do ano.  
 E) romântica, definida por uma visão bucólica da sociedade.

## SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



### GABARITO

Meu aproveitamento

#### Aprendizagem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. A       03. A       05. E  
 02. D       04. D

#### Propostos

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. B  
 02. C  
 03.  
 A) São motivações de origem econômica: a expansão das rotas comerciais, das terras produtivas e das riquezas do Mediterrâneo Oriental. Os motivos políticos das Cruzadas são a conquista da Terra Santa, a contenção do avanço das populações muçulmanas e o fortalecimento da Igreja Católica.  
 B) O movimento das Cruzadas foi liderado pela nobreza feudal. O apoio de Deus se dá por meio da aprovação da violência com relação aos muçulmanos, uma vez que o cronista aponta ser "justo e admirável o julgamento de Deus" contra aqueles que "blasfemaram contra Ele".  
 04. A  
 05. C  
 06. E  
 07. C  
 08.  
 A) Durante a Idade Média, houve um importante avanço nas técnicas agrícolas, como a invenção do arado de ferro. A cultura medieval também foi significativa, com destaque para a arquitetura, com a construção de castelos e catedrais; para a literatura, com autores como Dante Alighieri e o desenvolvimento da escolástica.  
 B) A alquimia, prática que deu origem à Química, é hoje associada à bruxaria, à Inquisição – que julgava quem questionasse as verdades da Igreja Católica – e à servidão, relação de trabalho em que os camponeses estavam submetidos aos senhores de terra.  
 09. B

#### Seção Enem

Acertei \_\_\_\_\_ Errei \_\_\_\_\_

01. E       03. B       05. D  
 02. D       04. A



Total dos meus acertos: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_ %